

# INCERTEZA E FLEXIBILIDADE NA NOVA ERA DO CAPITAL

Por Adriano de Lemos Alves Peixoto

Doutorando no Institute of Work Psychology – University of Sheffield–UK

E-mail: a.peixoto@sheffield.ac.uk



## A CULTURA DO NOVO CAPITALISMO

De Richard Sennett

Rio de Janeiro: Record, 2006. 189 p.

O sociólogo do trabalho Richard Sennett já é bastante conhecido do público nacional, principalmente pelo sucesso alcançado a partir de duas de suas obras anteriores: *A corrosão do caráter* e *O declínio do homem público*, ambas também publicadas pela Record. Seu novo livro, originalmente concebido como uma coletânea de um ciclo palestras efetuadas na Universidade de Yale (*Castle Lectures in Ethics, Politics, and Economics*, proferidas durante o ano de 2004), terá provavelmente a mesma popularização de suas obras anteriores. Três são as razões que justificam essa crença e que estimulam a sua leitura: a atualidade temática, a linguagem clara e objetiva, e a discussão acerca de possíveis direções a serem desenvolvidas como forma de enfrentamento de algumas das contradições do momento atual de desenvolvimento do capitalismo.

Tudo isso temperado com uma boa dose de rigor analítico, ainda que não seja uma obra técnica no sentido estrito do termo.

A constatação de que mudanças cada vez mais velozes e irreversíveis acontecem no domínio da sociedade e no ambiente de negócios se faz, no âmbito da academia, pela ênfase no tema da mudança e da inovação organizacional e, no mundo corporativo, pela busca incessante de novas formas de gestão que assegurem, em curto prazo, eficiência e, em longo prazo, sobrevivência da organização. Nesse contexto, de um lado os trabalhadores enfrentam o fantasma do desemprego, a obsolescência não programada de suas habilidades e a incerteza sobre seu futuro; de outro, o mundo vive um período de incomparável criação de riqueza e prosperidade. Na origem desse processo se encontram as transformações deto-

nadas pelas contínuas (e ainda em andamento) revoluções das tecnologias de comunicação e informação, e o barateamento dos custos de transportes. Esse é o quadro que emoldura o *novo capitalismo*, uma nova forma de organização do trabalho e, por conseguinte, da sociedade, que tem como característica central a instabilidade e a desigualdade.

É preciso reconhecer que a idéia de uma nova forma de organização do capital não é nova. Os movimentos de simplificação do trabalho, de envolvimento do trabalhador nos processos produtivos e de flexibilização da produção datam do início dos anos 1980. E no final da década de 1990, diante do crescimento dos níveis de produtividade na economia americana associados à expansão das empresas “pontocom”, chegou-se a afirmar o surgimento de uma Nova Economia, cujos precei-

tos contrariariam o paradigma neo-clássico aceito até então. De qualquer forma, o trabalho de Sennett tem o mérito inegável de organizar e sistematizar um pensamento coerente sobre o tema, dentro de um marco teórico das Ciências Sociais.

A palavra de ordem do *novo capitalismo* é flexibilidade e o âmbito de sua aplicação são as instituições, as organizações, as habilidades dos trabalhadores, as relações entre as pessoas e os contratos de trabalho. O livro aborda justamente as causas e conseqüências dessas transformações, tendo como enfoque principal a sua dimensão política, em que a categoria básica de pertencimento social se desloca da cidadania para o consumo.

O livro se organiza em quatro capítulos, além da introdução. Cada capítulo busca, primordialmente, responder a um questionamento básico – ainda que haja uma considerável dose de superposição e permeabilidade entre os capítulos, dada a natureza do tema. Assim, na primeira parte, o autor busca esclarecer a forma como as instituições que sustentaram a sociedade capitalista até então estão mudando. As diferenças entre o novo e o velho se contrastam em torno do conceito de burocracia, na forma desenvolvida por Max Weber, como elemento central de estruturação e organização da sociedade capitalista. A burocracia representa estrutura, estabilidade, ordem, tempo de longa duração, bem como um modelo de *inclusão social*, na qual cada membro de uma coletividade tem um lugar e uma função predeterminada dentro de uma ordem social, e a forma de organização do capitalismo social.

O desmonte das instituições burocráticas, inclusive da grande corporação e do Estado, liberam um conjunto de forças cuja expressão

máxima está na busca de resultados em curto prazo. Os arranjos flexíveis desmaterializam a produção e a deslocam geograficamente. Sennett não deixa de reconhecer uma certa ironia do destino ao nos lembrar que um dos elementos centrais do pensamento de esquerda da geração de 68 consistia justamente no desmonte das grandes burocracias em favor das estruturas comunitárias.

O segundo capítulo aborda a questão fundamental da transitoriedade das competências e habilidades necessárias ao trabalhador para que ele seja bem-sucedido nessa nova forma de expressão do capitalismo e seus impactos e sua perplexidade ao se deparar com um ambiente de trabalho que a todo instante se transforma e deprecia seu conhecimento. O conhecimento, a técnica e a experiência que se desenvolvem ao longo do tempo dão lugar às relações interpessoais e às redes de relacionamento, que se articulam e se desfazem rapidamente, na medida da necessidade, e à capacidade de aprendizagem de novas habilidades. As ameaças aos trabalhadores surgem, principalmente, a partir da globalização da força de trabalho, da automação dos processos produtivos e do aumento da expectativa de vida da população e seus impactos nos sistemas de previdência.

O terceiro capítulo constrói a relação entre as atitudes políticas e o comportamento do consumidor. Na sua base existe o entendimento de que em uma sociedade que se movimenta cada vez mais rápido, na qual os relacionamentos são cada vez mais superficiais, não existe tempo suficiente para que haja mediação das divergências e construção das soluções. A política e o consumo dividem o palco da teatralidade no qual prevalecem os senti-

mentos e projetos individuais, e o espetáculo em detrimento da ação coletiva e do projeto comum.

Finalmente, o quarto capítulo aponta alternativas para a preservação dos principais valores políticos do chamado capitalismo social. Nesse ponto, a constatação mais forte é a de que a insegurança e a instabilidade não se apresentam como conseqüências indesejadas de um novo modelo de organização do trabalho e da produção, mas são, antes de tudo, elementos constitutivos, planejados, desse mesmo modelo. Assim, um projeto político progressista em tal sociedade precisa oferecer a possibilidade de um elemento concreto que possa servir de integração para os cidadãos. Algo que possa servir como eixo ao redor do qual as narrativas de vida sejam construídas, já que para o autor o homem não está preparado para viver em uma sociedade com tal grau de incerteza sobre seu destino.

A *cultura do novo capitalismo* em grande medida unifica e sintetiza os trabalhos anteriores de Sennett sobre o tema, apresentando-se como uma obra de leitura agradável e fluida. Não contém nem explora novas ferramentas metodológicas ou novas categorias conceituais, mas essa também não é a intenção do autor. Ainda que os capítulos tenham sido originariamente concebidos de forma independente, recomenda-se a sua leitura na ordem proposta, pois eles se encontram conceitualmente encadeados. Em suma, essa é uma obra indicada não somente para aqueles estudiosos da dinâmica social, mas também para aqueles que operam no cotidiano das organizações, pois os processos ali apresentados impactam a todos sem distinção. Sua leitura certamente contribuirá para uma compreensão mais ampla da nossa realidade social.